

Atuação de processos sociointeracionais e projeções conceptuais na extensão semântica de nomes deverbais em *-nte*

The role of sociointeractional processes and conceptual projections in the semantic extension of deverbal nouns in *-nte*

Fernando da Silva Cordeiro *
fernando.cordeiro@ufersa.edu.br
Universidade Federal Rural do Semiárido

RESUMO: Neste artigo, analisamos o uso de nomes deverbais em *-nte*. Discutimos a emergência e rotinização de sentidos dos nomes deverbais em *-nte* mediante a atuação de processos sociointeracionais e das projeções conceptuais metafóricas e metonímicas. O nosso arcabouço teórico é o da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), alinhado à perspectiva da Gramática de Construções. Os dados são de amostras do português escrito no período compreendido entre os séculos XIII e XX, provenientes de três *corpora* históricos. As análises mostram que nomes em *-nte* podem carrear sentidos que não são previstos pela semântica da base verbal, mas são resultantes da negociação intersubjetiva de sentidos pelos falantes. As projeções conceptuais também são importantes mecanismos de extensão semântica, porque permitem, pelo mapeamento entre noções do mesmo domínio cognitivo ou de domínios cognitivos diferentes, promover novos sentidos para os nomes em *-nte*.

PALAVRAS-CHAVE: Nomes deverbais em *-nte*. Processos sociointeracionais. Projeções conceptuais. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções.

ABSTRACT: In this paper, we look at the use of deverbal nouns in *-nte*. We discuss the emergence and routinization of meanings of deverbal nouns in *-nte* through the performance of sociointeractional processes and metaphorical and metonymic conceptual projections. Our theoretical framework is that of Usage-Based Functional Linguistics (LFCU), in line with the perspective of Construction Grammar. The data are from samples of Portuguese written in the period between the 13th and 20th centuries, from three historical corpora. The analyzes show that nouns in *-nte* can carry meanings that are not foreseen by the semantics of the verbal base but are the result of the intersubjective negotiation of meanings by the speakers. Conceptual projections are also important semantic extension mechanisms because they allow, by mapping notions from the same cognitive domain or from different cognitive domains, to promote new meanings for nouns in *-nte*.

KEYWORDS: Deverbal nouns in *-nte*. Sociointeractional processes. Conceptual projections. Usage-Based Functional Linguistics. Construction Grammar.

* Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Introdução

O termo “nomes deverbais em *-nte*” refere-se a um conjunto de substantivos e adjetivos do português formados pela junção do sufixo *-nte* a uma base verbal, conforme exibem as ocorrências (1) e (2), em que *exigente* e *descendentes* derivam, respectivamente, de *exigir* e *descender*. Esses nomes são instâncias da construção nominalizadora $[[X]_V -nte]_N$, um padrão de formação de palavras cuja origem está ligada ao participio presente latino, assim como caracteriza Cordeiro (2021).

- (1) Mas se estas miseras creaturas, não estão sujeitas a um sofrimento moral, estão, com tudo, sob a pressão dominadôra das leis da natureza, que dotou o homem com uma constituição phisica por demais **exigente**. (CPHPB, Séc. XIX)
- (2) e se contra ela tendes algum castigo ordenado, peço-vos o deis antes a mim e a meus **descendentes**, e fique salvo este povo a quem amo como único filho. (CHPTB, Séc. XVI)

Este artigo é fruto da tese de doutorado que investiga propriedades formais e funcionais da construção $[[X]_V -nte]_N$ em perspectiva diacrônica. Aqui, voltamo-nos especificamente às propriedades semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas dos seus construtos, os nomes em *-nte* nos seus contextos de uso. A discussão de aspectos relacionados aos sentidos desses nomes justifica-se porque, *a priori*, pode-se pensar que a semântica do nome deverbal se deve somente ao verbo que lhe serve de base, numa correspondência inequívoca entre o sentido do verbo e o sentido do nome dele derivado, assim como apresentam as ocorrências (3) e (4). Nesses casos, a semântica de *caminhantes* e *governantes* é transparente quanto ao sentido dos verbos *caminhar* e *governar*.

- (3) Só a êste fim falaram com os **caminhantes** aqueles célebres epitáfios, aquelas elegantes inscrições, para os de dentro ociosas, para os de fora oficiosas; de maneira que, nem parando nem andando, se desculpassem nosso divertimento (CPHTB, Séc. XVII)
- (4) Não podemos compreender por liberdade de cultos o comparecimento | das auctoridades **governantes**, oficialmente, com aparato de tropas, a um

culto, desprestigiando-se os outros, como si elles não existissem, embora em minoria. (CPHPB, Séc. XIX)

Contudo, o exame mais abrangente do uso de nomes em *-nte* mostra que outros sentidos podem emergir a partir da atuação de processos e mecanismos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. O adjetivo *competentes*, empregado em (5), tem origem no verbo latino *competere*, cujo sentido está ligado a realizar algo, empregar esforços para a realização de algo. Na ocorrência em análise, percebemos que o intuito não é falar sobre a responsabilidade de alguém, mas fazer uma avaliação do desempenho de outrem, afastando um pouco o sentido do adjetivo de seu uso literal. Em (6), o uso de *palpitantes* como modificador do termo *necessidades* também não apresenta transparência semântica entre adjetivo e verbo-base, uma vez que o que está em jogo não é a execução da ação de *palpitar*, mas o apontamento de uma característica do referente, a saber, sua relevância.

(5) Os jesuítas, aqui, instalaram desde o início uma tradição humanística, em que eram bastante **competentes**; mas os ventos do Iluminismo, no século XVIII, não chegaram nem mesmo à península ibérica – quanto mais à distante colônia. (CPHPB, Séc. XX)

(6) Esta é a interrogação do povo, cuja contribuição para as rendas municipais não tem aplicação satisfactoria as suas mais **palpitantes** necessidades. (CPHPB, Séc. XIX)

Ao observar usos como os expostos acima, questionamo-nos, pois, como os processos subjacentes à interação, denominados sociointeracionais, e mecanismos cognitivos, notadamente as projeções conceptuais, podem possibilitar a emergência de novos sentidos para adjetivos e substantivos em *-nte*, considerando os contextos de uso desses nomes.

O objetivo geral deste trabalho é discutir a construção e emergência de sentidos no uso de nomes deverbais em *-nte*. Este objetivo divide-se em dois objetivos específicos: apontar processos sociointeracionais e mecanismos cognitivos que atuam na ampliação dos sentidos de nomes deverbais em *-nte* e explicar como esses processos permitem aos falantes empregarem esses nomes com outros sentidos, que vão além daqueles diretamente relacionados à base verbal.

Para esta tarefa, filiamo-nos teoricamente à Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), cujos pressupostos compreendem a língua(gem) como um objeto maleável e suscetível às pressões de uso. Segundo essa vertente de estudos linguísticos, uma vez que estão a serviço de propósitos comunicativos diversos, os sentidos das estruturas linguísticas não estão prontos, mas se instauram e se convencionalizam mediante a interação de fatores internos e externos à língua. Assumimos também a perspectiva da Gramática de Construções, para quem a língua é uma complexa rede de pareamentos de forma e função (construções) inter-relacionadas.

Metodologicamente, caracterizamos este trabalho como de natureza qualitativa, sendo descritivo-explicativa quanto aos seus objetivos. São analisados dados de uso do português escrito entre os séculos XIII e XX, provenientes de três *corpora* diferentes: o Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM); o Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB); e o Corpus do Projeto para a História do Português Brasileiro (CPHPB).

O artigo estrutura-se do seguinte modo: temos i) uma seção introdutória, que apresenta o objeto de estudo, objetivos e aspectos teórico-metodológicos de nossa investigação; ii) uma seção teórica, que expõe os princípios e conceitos fundamentais para a análise do fenômeno investigado; iii) uma seção metodológica, que caracteriza a pesquisa; iv) uma seção de análises, que trata da discussão dos achados; e, por fim, v) uma seção de considerações finais, que sumariza os resultados.

1 Linguística Funcional Centrada no Uso

Linguística Funcional Centrada no Uso é a denominação cunhada pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática para uma corrente de estudos linguísticos que tem raízes no funcionalismo norte-americano e congrega princípios e categorias cognitivistas (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013; BISPO; LOPES, 2022). Para a LFCU, a língua é um instrumento de comunicação, logo, sua principal função é possibilitar que os falantes concretizem seus propósitos comunicativos. Por isso, a LFCU volta-se para a língua efetivamente em uso nas situações reais de interação entre os falantes.

Seguindo autores como Givón (1979, 1995), Hopper (1987), Hopper e Thompson (1980) e Bybee (1985, 2016), defende-se, na LFCU, a existência de uma

correlação entre forma e função, uma vez que aspectos da codificação linguística são motivados pelas funções a que servem na interação. Dito de outro modo, aspectos como as escolhas lexicais, a ordem dos constituintes em uma sentença ou as diferentes formas de retomar um referente no discurso são determinados pelos propósitos comunicativos. Isso implica analisar a recorrência dos fenômenos linguísticos a partir das necessidades comunicativas dos falantes. Ademais, ressalta-se a maleabilidade das estruturas linguísticas e a sua suscetibilidade a fatores extralinguísticos.

A LFCU entende, ainda, que a língua(gem) reflete a organização da experiência humana em construtos cognitivos. É importante ressaltar que a nossa perspectiva de cognição é aquela ancorada social e culturalmente, em que as estruturas cognitivas são (re)construídas empiricamente. Assim, a codificação linguística espelha, em alguma medida, o modo como compreendemos e armazenamos a nossa experiência com o mundo e como os processos cognitivos nos permitem agir na e pela língua(gem). Interessa, então, à pesquisa em LFCU compreender a recorrência dos fenômenos linguísticos tanto em termos de motivação semântico-pragmática quanto em termos de motivação cognitiva.

Desse modo, nossa compreensão de língua(gem) vai ao encontro do que define Tomasello (1998, p. ix): “um complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais”. Na LFCU, entendemos que a estrutura linguística não é autônoma e que, na interação dos falantes por meio da língua(gem), mecanismos de ordem social, cultural e cognitiva atuam na codificação linguística. Defendemos, em suma, a dinamicidade das línguas, a correlação entre forma e função, a gramática como um conjunto de padrões heterogêneos e emergentes e a concepção *experientialista* de cognição (GIVÓN, 1995; BYBEE, 2016). Apoiamo-nos igualmente em premissas da abordagem teórica da Gramática de Construções, que a LFCU incorpora, considerando que as construções, pareamentos de forma e função, são as unidades básicas das línguas, que se constituem como complexas redes de construções inter-relacionadas hierarquicamente, em variados graus de abstração.

Percebe-se que analisar a situação de comunicação como um todo e não apenas a estrutura linguística em si é muito importante para a LFCU, por isso devemos considerar, em nossas análises, os vários fatores que contribuem para que o ato comunicativo ocorra: o falante e o papel social que ele ocupa, a visão que ele tem de si e do seu interlocutor, os propósitos comunicativos postos em jogo, o ambiente e o

tempo em que se dá a interlocução, as regras tácitas da interação, entre outros. Uma vez que a interação é um ato de negociação de sentidos, olhar para aspectos sociointeracionais implicados no uso da língua pode fornecer explicações para os sentidos que são construídos para os itens linguísticos.

Assim sendo, a subjetividade, a intersubjetividade e as inferências pragmáticas, envolvidas na situação de interlocução, são elementos importantes para a análise linguística considerando que, em nossa perspectiva, os sentidos não estão prontos, não são dados e não são necessariamente os mesmos em todos os contextos. Seguimos Traugott e Dasher (2005) quando assumimos que os significados são moldados por aspectos comunicativos, a partir da relação intersubjetiva dos interlocutores.

A subjetividade diz respeito à expressão de si mesmo e à perspectiva do próprio falante sobre si e sobre os outros. A interlocução implica uma intencionalidade e, para cumprir suas intenções comunicativas, o falante opera escolhas que revelam seu ponto de vista sobre os eventos do mundo. Comunicar-se é uma ação subjetiva, por isso, assumimos que os sentidos dos itens linguísticos em uso envolvem certo grau de subjetividade.

Por outro lado, as expressões linguísticas alçadas ao uso pelo falante, em seus atos comunicativos, envolvem também a perspectiva que ele (o falante) tem sobre o outro e as expectativas construídas em torno da relação com seu interlocutor. Traugott e Dasher (2005) denominam intersubjetividade a relação interpessoal entre falante e interlocutor e a atenção dispensada à perspectiva que o interlocutor pode construir do mesmo evento. A intersubjetividade também é determinante para a construção de sentidos de determinadas expressões, pois implica uma preocupação com o que o interlocutor pensa e com a imagem que ambos (falante e interlocutor) podem construir um do outro.

Vejamos o exemplo dado por Cordeiro (2017) em (7). Ao empregar o adjetivo *pensante*, o falante constrói junto ao seu interlocutor outro sentido para o item lexical que vai além do simples ato de *pensar*. Percebe-se, no contexto, que *pensante* se opõe a alguém restrito, tolhido por algum motivo (a religião ou qualquer outro), constituindo uma avaliação positiva do *indivíduo* que reage criticamente a crenças limitantes. Assim, o falante expõe sua visão de mundo e intersubjetivamente partilha com seu interlocutor os sentidos atribuídos ao item lexical.

(7) “uma Assembléia de Deus totalmente restrita... que corta assim... todas as asas do individuo **pensante**” (D&G Natal, Séc. XX)

Outra noção relevante para as finalidades deste artigo é a de inferência pragmática (TRAUGOTT; DASHER, 2005). No uso da língua, os falantes promovem usos inovadores de certos itens ou expressões linguísticas e negociam tal compreensão com seus interlocutores, de modo a “convidá-los” à interpretação sugerida. Dito de outro modo, os falantes direcionam a compreensão do interlocutor para o sentido que desejam partilhar, favorecendo a sua perspectiva do que é dito. Os sentidos que emergem dessa negociação, ancorada contextualmente, podem convencionalizar-se e espriar-se, à medida que se tornam mais salientes e acessíveis aos usuários da língua em contextos variados.

A ocorrência em (8) ilustra bem o que queremos dizer. Ao usar o adjetivo *brilhantes*, que vem de *brilhar*, o falante partilha com seu interlocutor uma determinada acepção desse item lexical, guiando a compreensão para aquilo que é coerente com seus propósitos comunicativos, inclusive reformulando o seu próprio dizer e empregando outro item lexical (gênios) que nos ajuda a compreender o sentido proposto para o adjetivo anterior.

(8) “ele teve com a mulher [...] esses três filhos **brilhantes**... assim... gênios... coisa assim... (D&G Natal, Séc. XX)

Fatores de ordem cognitiva, por sua vez, também possibilitam que o falante promova sentidos diversos para as estruturas linguísticas no uso. Entre esses fatores, podemos citar as projeções conceptuais metafóricas e metonímicas (LAKOFF; TURNER, 1989; LAKOFF; JOHNSON, 1999). As projeções conceptuais são mecanismos de extensão semântica porque permitem que os falantes usem conceitos de um determinado domínio cognitivo para expressar outros conceitos do mesmo domínio ou de domínio cognitivo diferente.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), a metáfora, mais do que um recurso estilístico ou uma figura de linguagem, é um aspecto estrutural de nossa cognição. Os domínios cognitivos e demais estruturas conceptuais erigem-se a partir de nossa experiência empírica e reúnem os aspectos mais salientes e relevantes de nossa interação com o mundo. Nem todos esses aspectos, entretanto, são de ordem concreta. Há conceitos mais abstratos e, portanto, mais complexos cognitivamente,

fazendo com que sejam necessários recursos para aproximar um conteúdo mais distante de um conteúdo mais perceptível à realidade sensorial. A metáfora é, portanto, um importante mecanismo de conceptualização que mapeia domínios cognitivos distintos. Pela metáfora, noções pertencentes a um domínio fonte, de base mais concreta, são projetadas em um domínio alvo, de natureza mais abstrata.

Dito de outro modo, as projeções metafóricas possibilitam que conceitos abstratos como *tempo*, *sentimento* ou *intensidade* sejam codificados utilizando como base conceitos mais ancorados na concretude como *espaço*, *temperatura* ou *quantidade*. Assim, por meio do mapeamento entre essas noções, podemos atribuir sentidos a certas construções linguísticas em determinados contextos. Em (9), temos o emprego do adjetivo *gritante*. Nesse contexto, a ação de *gritar*, concreta por natureza, é empregada de modo metafórico para expressar a intensidade da cor, ideia mais abstrata.

(9) “tudo bem cores assim suaves... não são nada... fortes, sabe? Nada muito **gritante**” (D&G Natal, Séc. XX)

A metonímia é outro mecanismo de extensão de sentidos. Também se trata de uma projeção conceptual pois o acesso a uma entidade se dá por meio de outra. Kövecses (2002) explica que “na metonímia nós usamos uma entidade ou coisa para indicar ou fornecer acesso mental a outra entidade”. Ocorre que, neste caso, as entidades são parte do mesmo domínio cognitivo. Isto é, o mapeamento acontece quando entidades, conceitos e ideias são usados para acessar entidades, conceitos e ideias cognitivamente relacionadas no interior do mesmo domínio, constituindo relações como parte-todo, conteúdo-contidente, agente-ação. As entidades que direcionam a atenção para outra são chamadas entidades-veículo e as entidades acessadas são denominadas entidades-alvo.

Mapeando entidades contíguas, a metonímia envolve perspectivização, ou seja, implica diferentes formas de expressar uma estrutura conceitual (TAYLOR, 1995). O pensamento metonímico permite flagrar o que é, do ponto de vista do falante, mais saliente em sua percepção e qual sua perspectiva diante de um dado evento. Analisando a ocorrência em (10), vemos o uso do adjetivo *diferente* a partir de uma projeção metonímica. Em seu sentido literal, retomamos o sentido da base verbal *diferir*, em que há uma comparação implícita entre duas entidades, o que pode levar

a ideias como *desigualdade*, *discrepância*. A partir dessas noções, podemos chegar a outras próximas como *estranho* e *incomum*, como o falante sugere no excerto.

- (10) “vinha aqueles pratos finíssimos de lagosta é... [...] ((risos)) cada prato **diferente...**” (D&G Natal, Séc. XX)

Apesar de serem mecanismos conceituais diferentes, metáfora e metonímia podem se entrelaçar uma vez que, conforme Kövecses (2002), projeções metafóricas podem ter relações metonímicas em sua base. Em outras palavras, o pensamento metafórico pode envolver o pensamento metonímico. Como exemplo, o autor apresenta a metáfora RAIVA É CALOR. Há, inicialmente uma relação metonímica de causa-efeito, já que o aumento da temperatura é um dos efeitos do sentimento de raiva. Por conseguinte, é possível tratar a emoção (abstrato) pelas sensações provocadas (concreto), constituindo uma relação metafórica.

Fechando a seção de fundamentação teórica ressaltamos a importância dos conceitos aqui arrolados para nossa análise. Em uma perspectiva centrada no uso, a atuação dos processos sociointeracionais – a exemplo da (inter)subjetividade e das inferências sugeridas – e de mecanismos de projeção conceptual são essenciais para a compreensão dos sentidos das expressões linguísticas que são negociadas na interação entre os falantes.

2 Aspectos metodológicos

Nesta seção, fazemos uma breve caracterização da pesquisa em termos metodológicos e explicitamos a constituição do *corpus*, assim como o universo de dados que consideramos nas análises.

Situamo-nos metodologicamente no paradigma qualitativo, uma vez que priorizamos a observação e análise dos fatos linguísticos. Nas palavras de Minayo (1994, p. 21-22), a pesquisa qualitativa trabalha com “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” e considera sobremaneira a proximidade entre o pesquisador e seu objeto. Embora muito cara aos estudos funcionalistas, não fazemos aqui uma abordagem quantitativa do fenômeno investigado, haja vista a natureza das categorias de análise selecionadas.

Quanto aos nossos objetivos, definimos que a pesquisa é descritivo-explicativa, já que nos interessa não só descrever um dado fenômeno da língua, mas também

explicá-lo e apontar motivações para sua recorrência. Assim, descrição e explicação são complementares e igualmente relevantes para os nossos propósitos. Identificamos, em nosso conjunto de dados, ocorrências em que o sentido proposto para o adjetivo ou substantivo não necessariamente decorre da semântica da base verbal, evidenciando um *mismatch* entre a base a palavra derivada e, em seguida, explicamos como os processos sociointeracionais e cognitivos contribuem para que isso ocorra.

Ressaltamos o caráter empírico, amostral e bibliográfico do nosso estudo. Empírico porque os fatos considerados são reais e construídos *na* e *pela* interação entre falantes da língua; amostral porque se baseia em uma porção da língua escrita em certo período; e bibliográfico porque toma como referência um conjunto de postulados teórico-metodológicos e, a partir dele, analisa um fenômeno.

A tese da qual os resultados aqui expostos foram retirados orienta-se pelo viés diacrônico. Logo, os dados de língua em uso foram de fontes históricas, tendo em vista a necessidade de considerar estágios temporais diferentes da língua. Os dados foram coletados em três *corpora*: i) o *Corpus Informatizado do Português Medieval*, de onde provêm os dados dos séculos XIII a XV; ii) o *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, fonte dos dados relativos aos séculos XVI e XVII; e iii) o *Corpus para a História do Português Brasileiro*, do qual retiramos os dados do século XVIII a XX. Juntas, as amostras desses *corpora* reúnem quase 800.000 palavras e constituem uma amostra significativa do português escrito em gêneros textuais diversos.

O universo de dados com que trabalhamos é composto de 3.909 ocorrências de nomes deverbais em *-nte*, dos quais 1.268 são substantivos e 2.641 são adjetivos, uma porcentagem de 32% e 68% respectivamente. Esses itens lexicais foram tabulados em uma planilha. Quando se havia dúvidas quanto à base verbal, consultamos dois dicionários de referência, a saber: o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1955), e o *Novíssimo Dicionário Latino-Portuguez*, de Francisco Rodrigues do Santos Saraiva (1927). Itens lexicais terminados em *-nte* sem base verbal foram desconsiderados.

3 Análises dos dados

Esta seção do artigo dedica-se à análise de como os processos sociointeracionais e as projeções conceituais influenciam na construção de sentidos para os nomes deverbais em *-nte*, a partir das ocorrências presentes em nosso *corpus*.

Por meio da análise do uso de nomes deverbais em *-nte* ao longo do tempo verificamos a variabilidade semântica dessas palavras, uma vez que a construção que os licencia apresenta composicionalidade intermediária, constituindo um *continuum* entre usos mais e menos composicionais (CORDEIRO; BISPO; LUCENA, 2021). Há casos em que a semântica do nome em *-nte* é totalmente dependente da semântica verbal e há casos em que a semântica do nome se estende para outros sentidos. Estes, por sua vez, são estabelecidos pela influência dos processos de intersubjetividade e inferenciação pragmática. Apresentamos alguns dados para análise.

- (11) A criação que nos tempos passados tinham os moços neste Reino era tão austera e tão conforme com as regras de prudência, que daí nacia saírem na guerra valentes e animosos, e na religião, sábios e **penitentes** (CHPTB, Séc. XVI)
- (12) No trato de sua pessoa foi rigoroso e **penitente**, mui devoto, e dado à oração e contemplação das coisas divinas. (CHPTB, Séc. XVI)
- (13) Mui cedo conhecendo-lhe a importancia, foi a anatomia theorica e pratica, o objecto dos meus mais **ardentes** cuidados, em modo á ajudar á meus mestres, no trabalho pratico durante os annos lectivos até que fui laureado em medicina. (CPHPB, Séc. XIX)

Em todas as ocorrências anteriores, percebemos um elevado grau de subjetividade, à medida que os falantes declaram seus pontos de vista sobre determinados fatos/situações, ajudando-nos a avaliar como a (inter)subjetividade influencia na atribuição de sentido a determinadas expressões linguísticas. Também é relevante apontar que, nos casos analisados, os falantes vão negociando com seus interlocutores a partilha dos sentidos na situação, sugerindo e guiando a interpretação do item linguístico a seu modo.

As ocorrências (11) e (12) ilustram o uso de *penitente*. Esse adjetivo vem do verbo latino *penitere*, arrepende-se. Percebemos que o contexto dirige a atenção do interlocutor para uma acepção positiva do termo. A penitência geralmente consiste em

um castigo, contudo, nos trechos em destaque, o contexto guia o interlocutor à interpretação de que ser *penitente* é uma qualidade. Em (11), *penitente* aparece em paralelo a outros adjetivos também qualitativos – *valentes*, *animosos* e *sábios* – o que nos leva à compreensão de que o adjetivo expressa uma virtude. O mesmo ocorre em (12), quando a qualidade de ser *penitente* equipara-se a outras características valorizadas em um cristão, portanto sagrada. Conclui-se que a posição intersubjetiva do falante diante do que declara e o contexto são responsáveis por nos direcionar a uma perspectiva do que significa ser *penitente*, influenciando diretamente o sentido do termo. Pelo contexto, o falante sugere que o termo deve ser entendido como uma qualidade, o que evidencia uma inferenciação pragmática.

Ao expressar seu interesse pela medicina, o falante emprega o adjetivo *ardente*, em (13), para sublinhar sua dedicação à anatomia, objeto de sua maior atenção e cuidado. A reboque do alto grau de envolvimento que o falante apresenta com o assunto, evidência de subjetividade, somos levados a perceber, pelo contexto, que o adjetivo é empregado como um modificador avaliativo do referente, ainda que, em outros contextos, não tenha necessariamente o mesmo sentido. Isso reforça o fato de que os sentidos são pragmaticamente motivados por fatores vários, a exemplo da intersubjetividade.

Determinados usos dos itens lexicais podem se estabelecer pela negociação (inter)subjetiva e rotinizar-se de tal modo que os sentidos são reconhecidos pela associação a um contexto específico. Assim, reconhecemos que existem nomes deverbais em *-nte* com sentidos já bem estabilizados em situações comunicativas específicas, como demonstram os dados em (14) e (15).

(14) Como sou **assignante**, Senhor Redactor, e Vossa mercê me prometteo acolhimento em sua folha, queira publicar estas linhas por cujo favor lhe arranjarei uma dúzia de **assignantes**. O Tucano. (CPHPB, Séc. XIX)

(15) Tudo quanto for preciso escrever seja no original que Vossa Mercê ditar ou nas cópias, não se embarace Vossa Mercê com despesa alguma, porque faço sumo gosto de satisfazê-la, e para esse efeito já passei ordem a João de Oliveira, negociante, e agora meu **correspondente** no Rio de Janeiro, que assistirá a Vossa Mercê com todo o dinheiro preciso. (CIPM, Séc. XVII)

A ocorrência em (14) foi retirada de uma carta do leitor, texto veiculado em publicações periódicas como jornais e revistas. O reconhecimento dá-se pela

referência que o falante faz ao Redator, seu interlocutor imediato. O emprego do substantivo *assinante(s)* em dois momentos ocorre em referência àquele que paga para receber, de forma contínua, o jornal/a revista em sua residência. É possível que o termo tenha sido recrutado para essa função porque, muito provavelmente, o cliente assinou um contrato para adquirir tal comodidade. Entretanto, o uso do termo nesse contexto dispensa explicações por parte do falante de que ele está se referindo ao cliente da publicação. É pelo contexto de uso que chegamos a esse sentido, entendendo que não se trata do ato de assinar um documento, por exemplo.

Já a ocorrência em (15) exemplifica o uso de *correspondente*. Diferente de outros contextos em que *correspondente* enseja a relação entre duas entidades, destacando uma relação de correspondência; o uso de *correspondente* como substantivo, no contexto analisado, designa o representante de uma autoridade em sua ausência. Esse sentido pode ser inferido por meio do contexto já que, no entorno linguístico, é possível verificar pistas fornecidas pelo falante de que há um enviado em seu nome e de que ele recebe suas ordens. Concluímos que os sentidos de *assinante* e *correspondente* como *cliente* e *representante*, respectivamente, emergem dos contextos específicos de uso, que apontam a acepção apropriada para esses itens linguísticos.

Os dados revelam que nomes em *-nte* podem carrear avaliações positivas ou negativas, a depender da perspectiva que o falante negocia com seu interlocutor, resultando na embalagem de valores socialmente construídos como parte do sentido das expressões linguísticas. Segundo Bybee (2020), é frequente que palavras assumam certas conotações e depois tenham sua denotação transformada. Entendemos que isso ocorre pela negociação de sentidos entre os falantes e pela recorrência dos itens lexicais em certos contextos de uso. Seguem algumas ocorrências para discussão.

- (16) Ou não sabia ou não estava por aqueles ditos de outros príncipes: o que um deixou de fingir deixou de reinar o outro. A lição é para reis e o fingir para **tratantes**. (CIPM, Séc. XVII)
- (17) A pintura, como tem Leão Batista, deleita a doutos e a **ignorantes**, o mesmo obra em ambos a poesia, porque os doutos se recreiam com a boa invenção e sua alegoria, e os **ignorantes** com as cadências do verso. (CIPM, Séc. XVI)

- (18) O voto mais **interessante**, sem dúvida, foi o do Sr Iri- | neu Joffily, “leader” da bancada paraibana. Para | S. Ex., a escolha de um “leader” é ato do governo e não da assembléa, pois que esta não poderia mandar ao Governo um emissario, que não fosse da confiança deste. (CPHPB, Séc. XX)
- (19) "Com guarnição que me pareceu **competente** para servir como embarcação de Guerra, e nos Mappas juntos Vossa Excelência verá o seu Armamento," (CPHPB, Séc. XVIII)

O uso de *tratante* em (16) é determinado por uma avaliação negativa do falante em torno de um certo comportamento. Observamos que a acepção do termo *tratante* aponta para características pouco apreciadas, como fingimento. O interlocutor é, então, guiado pelo contexto a partilhar o sentido negativo do nome. Assim também ocorre com *ignorante*, em (17). O emprego desse substantivo, em oposição a *doutos*, encapsula uma dada percepção de mundo em que um ser *ignorante* é alguém de poucas qualidades ou de conhecimento limitado.

De modo contrário, adjetivos como *interessante* e *competente* parecem embalar uma avaliação sempre positiva em certos contextos. Em (18), é perceptível que o adjetivo *interessante* ressalta a relevância de um evento referenciado pelo adjetivo, o que pressupõe uma condição (inter)subjativa, dado que o falante avalia e expõe os motivos pelos quais qualifica o referente de tal modo. *Competente*, por seu turno, também adquire contornos avaliativos no contexto demonstrado, pois enfatiza a visão do falante sobre a propriedade do referente para realização de uma determinada tarefa. Assim, *competente* deixa de representar apenas uma atribuição e passa a ser uma qualificação.

Seja de forma positiva, seja de forma negativa, assumimos que alguns usos de nomes deverbais em *-nte* podem ter consigo valores sociais incutidos, apontando para as relações sociais estabelecidas, que se evidenciam no emprego de uma expressão linguística. Destacamos também a necessidade de avaliar não somente o item linguístico em si, mas todo o seu entorno, os propósitos comunicativos em jogo, o co(n)texto. As pistas deixadas pelos falantes são importantes para a convencionalização dos sentidos que se pretendem partilhar, uma vez que elas atuam diretamente na construção de inferências pragmáticas. Essas inferências,

pragmaticamente sugeridas podem, via rotinização, tornarem-se mais acessíveis e menos dependentes pragmaticamente, como pontuam Traugott e Dasher (2005).

Desse modo, os processos sociointeracionais contribuem para empregos criativos e polissêmicos dos itens lexicais, possibilitando que o padrão que os licencia (a construção) se fortaleça no repertório linguístico dos falantes. Por outro lado, esses processos atuam na renovação e na variabilidade das construções linguísticas pelo estabelecimento de novos sentidos e ampliação dos contextos de uso, permitindo que novos pareamentos de forma e sentido surjam.

As projeções conceptuais também atuam de forma sistemática na expansão de sentidos dos nomes deverbais em *-nte*, cabendo agora analisar como mapeamentos metafóricos e metonímicos ajudam a estabelecer sentidos diversos para os itens linguísticos em estudo. Destacamos, a partir de algumas ocorrências, projeções metafóricas e metonímicas identificadas em nossos dados.

A metáfora, como já exposto, consiste em uma conexão entre domínios cognitivos diferentes, um deles de natureza mais ancorada na experiência concreta e outro de natureza mais abstrata. Observamos, nos dados de nossa pesquisa, que experiências biofísicas relacionadas à temperatura são recrutadas para expressão de efeito intensivo, definido por Silva (2014) como “reforço escalar de direção para mais ou para menos, atribuída a uma dada noção, em geral mais abstrata e mais subjetiva”. Seguem algumas ocorrências para discussão.

(20) E, asy como a cousa acesa e **ardente** faz derreter a cera e resolver, bem asy a alma deuota, tangida pello falame~to **ardente** da espiração dedentro, logo se derrete e resolve e~ dulçura do seu amado Jhesu Christo. E a alma, assy derritada e esqueentada pello falame~to do Senhor amoroso, penetra e trespassa as cousas escondidas dos segredos de Deus. Porque, quando a alma he esque~e~tada pello amor **ardente** que a e~ sy e se derrete pella voz muy doce do seu amado (CIPM, Séc. XV)

(21) E o Sancto Amony co~ seus jrma~a~os e co~ suas jrma~a~s, **feruentes [ferventes]** e~no amor de Deus, foran-se pera o hermo e fezero~ dous mosteyros, e~ que morasem apartados os jrma~a~os das jrma~a~s, e auia grande espaço antre as moradas (CIPM, Séc. XV)

No mesmo enunciado, (20), destacamos três ocorrências do adjetivo *ardente*. No primeiro uso, ele caracteriza, junto ao adjetivo *acesa*, a entidade *coisa* que faz

derreter a cera. Aqui há uma relação direta com a experiência física de calor, razão da ação de *arder*. Contudo, nos empregos seguintes, o adjetivo não serve ao mesmo propósito, muito embora a base conceptual seja a mesma. Ao usar *ardente* para qualificar *falamento* e *amor*, o falante destaca a força dessas entidades, tendo aí a expressão de intensidade. Uma vez que intensidade é uma noção abstrata e que, nos usos de *ardente*, é apoiada na ação concreta de arder, temos que há projetada a metáfora INTENSIDADE É CALOR.

A ocorrência em (21), do adjetivo *fervente*, segue o mesmo princípio. O falante qualifica o amor de Santo Antônio e seus irmãos como *fervente*, que tem como base o verbo *ferver*, ação que não faz parte das condições físicas de seres humanos concretamente. O adjetivo é empregado com o intuito de expressar a intensidade do amor que uma entidade nutre por outra. A partir da saliência perceptual que se provoca pelo ato de *ferver*, o falante usa essa ação do mundo biofísico para caracterizar a atitude de seres do mundo em termos de *vigor* e *ânimo*. Mais uma vez, temos instanciada a metáfora INTENSIDADE É CALOR.

- (22) Quanto a **eletrizante** aventura de caçada de um urso contada pelo sr. João Borges, os incautos certamente devem ter ficado arrepiados com a ousadia desse Jim das selvas tupiniquim. (CPHPB, Séc. XX)
- (23) E' verdade que fiz parte de uma chapa em que figurou tambem o nome sua senhoria, mas si isto é prova **eloquente** de partidarismo, duplamente partidario é sua senhoria. (CPHPB, Séc. XIX)
- (24) A única coisa, portanto, a que as autoridades sanitárias estão vacinadas é contra a vergonha. Esta, sim, foi erradicada há muito tempo. As outras doenças todas continuam vivas, atacando a população indefesa, enquanto nos bastidores das licitações as verbas se esvaem em velocidade **galopante**. (CPHPB, Séc. XX)

Os dados de (22) a (24) ajudam-nos a evidenciar outros mapeamentos metafóricos presentes no uso de nomes deverbais em *-nte*. No uso de *eletrizante*, em (22), vemos que o ato de aplicar uma corrente elétrica é tomado para expressar a ideia de euforia. Não é raro encontrarmos a vinculação das noções de eletricidade, fenômeno físico, e de inquietação, estado psicológico. *Eletrizante* confere ao nome modificado também uma qualidade intensificada, que se baseia na percepção de que eletricidade causa impacto. Uma vez que temos a correspondência entre noções

concretas e abstratas, em que aquela serve de base para esta, temos uma projeção metafórica, neste caso enunciada como INTENSIDADE É FORÇA ELÉTRICA.

O uso de *eloquente* (23) exhibe outro mapeamento metafórico, em que a força de elocução é usada para expressar o destaque perceptual de uma entidade – neste caso, *prova*. Socioculturalmente falando, a eloquência é uma característica prestigiada e confere destaque e atenção ao ser que a possui. O falante então transfere esse raciocínio para uma entidade inanimada, mais abstrata (*provas*) e, assim, compreendemos que o sentido pretendido é o de relevância ou consistência. Da mesma sorte que o exemplo anterior, entendemos que há um valor intensivo empregado se considerarmos que apresentar eloquência envolve aumento da força de elocução. A metáfora aqui instanciada pode ser resumida como INTENSIDADE É FORÇA DE ELOCUÇÃO.

Em (24), o adjetivo *galopante* caracteriza *velocidade*. A noção de velocidade é, por si mesma, escalar, o que nos leva à conclusão de que há expressão de intensificação aqui também. Galopar associa-se a um deslocamento em alta velocidade. Essa ideia de intensidade, já presente na base verbal do adjetivo, é transferida para a entidade qualificada no contexto. No caso da amostra em tela, *galopante* serve para intensificar um conteúdo já intensificado, caracterizando-se um reforço do valor intensivo de uma noção escalar. Podemos, então, propor a existência da metáfora INTENSIDADE É MOVER-SE RAPIDAMENTE, subjacente ao emprego de *galopante* na ocorrência em análise.

Em se tratando de mapeamentos metonímicos, aqueles que ocorrem entre entidades pertencentes a um mesmo domínio cognitivo, identificamos que eles são especialmente relevantes para os substantivos deverbais em *-nte*. Os substantivos são, em sua maioria, agentivos, e a metonímia “todo pela parte” é consideravelmente responsável pelo sentido desses nomes, quando acessamos a ação por meio da referência ao agente. Encontramos no *corpus* alguns exemplos, que dispomos a seguir:

- (25) Dividida em tres partes e 18 capitulos, a obra trata substancialmente de todas as especies de seguro maritimo e terrestres, como se jáo:mNatureza do **contratante** do seguro; objecto do seguro maritimo, seguro vedado, (CPHPB, Séc. XIX)

(26) Os pobres som apremudos co~ my~goa e som apressados co~ fome e co~ sede e co~ fryo e co~ nuydade e som desprezados e e~uergonhados. Oo, que mezquinha he a co~diçom do **me~digante [mendigante]**! (CIPM, Séc. XV)

(27) Ca aquelle que esta em seu estado e dignidade tantas uezes he e~uergonçado e confundido quantas uezes no~ pode ou [nom] ousa castigar e correger os **desobedientes** e os reuees e os que mal uiue~. (CIPM, Séc. XIV)

As ocorrências exibidas em (25), (26) e (27) exemplificam o uso de *contratante*, *mendicantes* e *desobedientes*. Muito embora cada uma delas tenha relação com uma ação diferente, reconhecida pela base verbal, os itens lexicais em análise especificam, nos contextos em tela, o agente que executa a ação denotada pela base verbal: o *contratante* é aquele que *contrata*; *mendicante* é o que *mendiga*; e *desobediente* é o que *desobedece*.

Considerando a inserção de *contratante*, *mendicantes* e *desobedientes* nos contextos acima, veremos que os eventos que eles denotam são secundários em relação a outras predicções. O propósito do falante é apenas referir-se ao participante da ação, colocando o *agente* em perspectiva. Nesses casos, há um mapeamento metonímico à medida em que essas palavras ativam todo o frame de uma ação, recrutado pela base verbal, pela referência a uma de suas partes, o ser agente. Desse modo, compreendemos que o interlocutor ativa todo o *frame* do evento pela menção a um de seus componentes. Segundo Lakoff e Johnson (1980), essa é uma estratégia de focalização porque ela sinaliza o que é relevante para o contexto, ajudando o falante a dar relevância ao que é importante para a situação comunicativa. Nas situações anteriormente descritas, o que está em foco é a entidade responsável pela ação.

Outras projeções metonímicas foram identificadas no uso de itens lexicais como *infante* e *parente*, que não têm base verbal reconhecida no português, mas no latim. Nesses casos, a relação metonímica foi importante para a construção dos sentidos que conhecemos dessas palavras, ainda que não possamos resgatar a semântica do item verbal que lhe serve de base pela dificuldade em segmentar as partes componentes do item lexical.

- (28) E sse acaecer que rey ou **infante** fillo d(e) rey e de raynha ou arcebispo ou bispo ouu(er) p(re)yto cu~ outr'ome, d(e') cada huu delles q(ue) razoen por sy, ca no~ e' guisado q(ue) outro ome~ (contra) diga a elles o q(ue) dissere~ ou fezeren. (CIPM, Séc. XIII)
- (29) E se huu for uiuo e o outro non ao tempo q(ue) casar e aq(ue)l q(ue) e' uiu[o] lhy p(er)doar, parta~ co~nos out(ro)s yrmaos q(ua)nto achare~ come yrma~os. Se o padre ou a madre ou os yrmaos ou outros **parentes** teuere~ en seu poder mancebo escosa en cabellos e no~na casare~ ata #XXV anos, [e] ella d(e)poys se casar sen mandado deles. (CIPM, Séc. XIII)

Em (28), temos o uso de *infante*, que se especializou semanticamente como designação própria dos filhos do Rei que não fazem parte da linha de sucessão. O termo, porém, também significa *criança*. A raiz etimológica da palavra vem de *fari*, verbo do latim que significa *falar* (SARAIVA, 1927). *Infante* é, pois, “aquele(a) que não fala”. Quando empregada para se referir a um ser infantil, percebemos uma relação metonímica. Essa relação reside no fato de que o ser humano, nas fases iniciais de sua vida, não fala. Logo, identifica-se o ser por sua propriedade constituinte, uma projeção metonímica.

Análise semelhante pode ser feita do nome *parente*. Essa palavra, cuja acepção mais comum se estende aos membros da família de um determinado indivíduo, tem como base o verbo latino *parere*, “dar à luz” (SARAIVA, 1927). Literalmente, a mãe pode ser considerada *parente* porque ela é o ser responsável por dar à luz, raciocínio que já nos coloca diante de uma projeção metonímica, uma vez que tomamos o ser pela ação que ele executa. No entanto, o termo se alarga semanticamente e passa a referir-se a outros membros da família, complementares a pai (padre) e mãe (madre), em (29). Vemos, então, outra projeção metonímica: por meio da contiguidade conceitual entre mãe e outros conceitos do domínio cognitivo família, o termo é recrutado para designar qualquer um dos membros desse domínio.

Nesse sentido, vê-se que as projeções conceptuais são essenciais para a extensão semântica dos nomes deverbais em *-nte*, porque permitem que novos sentidos sejam propostos, negociados e ampliados entre uma comunidade de falantes. Esses mecanismos cognitivos ajudam-nos a perceber como um grupo social ou comunidade percebe e armazena cognitivamente o mundo à sua volta, dando pistas daquilo que é mais saliente na experiência com o mundo. Também

reconhecemos a importância das projeções conceptuais para a ampliação do repertório sociocognitivo dos falantes em relação à língua, haja vista o uso de experiências linguísticas prévias para a promoção de outras.

Considerações finais

O uso de nomes deverbais em *-nte* revela, em alguns casos, uma extensão semântica desses nomes para além do que expressa a semântica da base verbal que os compõe. Assim, questionamo-nos quais processos e mecanismos sociointeracionais e cognitivos atuam nesse fenômeno. A partir da análise de dados do português escrito entre os séculos XIII e XX, verificamos que processos sociointeracionais, como a (inter)subjetividade e a inferenciação pragmática, e mecanismos cognitivos, a exemplo das projeções conceptuais, contribuem para a diversidade de usos que os deverbais em *-nte* apresentam.

A negociação de sentidos resultante da interação entre falantes pode implicar no estabelecimento de novos sentidos para os itens lexicais, nos diversos contextos em que ocorrem. Nomes em *-nte* podem expressar visões de mundo, avaliações e/ou carrear sentidos que, embora pragmaticamente ancorados num contexto comunicativo específico, passam a gradualmente fazer parte da semântica do nome.

Por sua vez, as projeções conceptuais promovem o estabelecimento de novos sentidos para os nomes deverbais por meio da associação entre noções do mesmo domínio cognitivo ou de domínios cognitivos diferentes. Essas associações revelam como o falante percebe e organiza cognitivamente o mundo a sua volta, utilizando a experiência com o mundo biofísico para a estruturação da língua, o que concretiza na atribuição de sentidos para as expressões linguísticas. Concluimos, portanto, que tanto os processos sociointeracionais quanto as projeções conceptuais exercem papel importante na semântica dos nomes deverbais em *-nte*.

Referências

BISPO, E. B.; LOPES, M. G. *Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. *Odisseia*, Natal-RN, v. 7, n. esp., p. i-x, 2022.

BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. L. *Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.

CORDEIRO, F. S. *Construção nominalizadora de particípio presente: uma abordagem funcional centrada no uso*. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CORDEIRO, F. S. *Nomes em -nte sob o viés diacrônico: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2021. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B.; LUCENA, N. L. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade de nomes deverbais em *-nte*. *Letras Escreve*, Macapá, v. 11, n. 1. p. 111-125, 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*. v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*. v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. v. 56, p. 251-299, 1980.

KÖVECSES, Z. *Metaphor*. New York: Oxford, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago/London: UCP, 1989.

MYNAIO, M. C. S. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: F. Alves, 1955.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* 9. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1927.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso.* São Paulo: Cortez, 2014.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory.* Oxford: Oxford University Press, 1995.

TOMASELLO, M. (ed.) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure.* New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change.* Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Recebido em 20/12/2021

Aceito em 16/02/2022

Publicado em 06/04/2022